



REDACTOR PRINCIPAL  
Alexandre Vieira  
EDITOR  
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional  
Oficinas de impressão - R. da Atalaia, 134

(Formulário da lei que regula a liberdade de Imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.  
End. teleg.: Talhava - Lisboa • Telefone: 1

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ENTREVISTANDO O MINISTRO DO TRABALHO

## As minas de S. Pedro da Cova

Continuarão propriedade da Empresa, assentando, porém, a sua exploração em bases novas, sob a fiscalização do Estado e dos mineiros

Há dias já que se vem falando do decreto em elaboração sobre as minas de S. Pedro da Cova.

No intuito de informarmos convenientemente os leitores de *A Batalha* sobre as intenções do ministro do trabalho, procuramo-lo ontem no seu ministério.

O sr. Dias da Silva recebe-nos imediatamente. E uma vez declinada a nossa questão de ler o reporter de *A Batalha*, e expostos o fim que ali nos levaram, o ministro socialista pôe-se imediatamente às nossas ordens, manifestando-nos o seu respeito por ver o operariado interessado por tão momentos assunto.

Pedimos-lhe então que nos dissesse, concretamente, quais as bases em que assentará o novo decreto.

O Estado estabelece o princípio da fixação dos lucros nas empresas particulares

— Para mim, diz-nos o ministro, um dos princípios mais interessantes que o decreto estabelece é o da fixação dos lucros da empresa. Como vê, é um princípio absolutamente novo na nossa legislação e eminentemente socialista.

As minas de carvão de S. Pedro da Cova tinham sido mobilizadas pelo decreto n.º 4801. Pois bem; o Estado vai agora mandar avaliar as minas, por peritos contabilistas de confiança. Estes examinarão a escrita da Empresa, e, uma vez feita a avaliação, os capitalistas não poderão retirar da exploração da mina um lucro superior a 10%, sobre o capital empregado.

— E se a empresa quizer aumentar os seus capitais?

— Em primeiro lugar só o poderá fazer com autorização da Circunscrição Mineira do Norte, quando esta reconhecer que tal aumento se torna necessário à exploração da mina; e ainda assim, os capitais entrados só poderão ser empregados no desenvolvimento da mina.

— Mas que lucros perceberão os capitais de futuro entrados?

— Em nenhum caso os lucros poderão exceder os 10% fixados pelo decreto.

**Fixação do salário mínimo**

— Ao mesmo tempo que estabelece o princípio da fixação dos lucros nas empresas particulares, continua o ministro, o decreto introduz na legislação um outro princípio igualmente novo. É o do salário mínimo. A retribuição do trabalho dos mineiros, entre nós, é absolutamente ridícula, se a compararmos com que lá fora se paga a quem extraí das entrañas da terra o carvão, essa fonte máxima de energia e de riqueza. Imagine que o salário dum mineiro em S. Pedro da Cova nunca ia além de 500 Sessenta centavos por um dia de trabalho, debaixo da terra, sujeito a mil perigos, queimando em poucos anos de vida as energias dum vida inteira. Mesmo no Alentejo, onde o trabalho das minas é um pouco melhor remunerado, o salário anda em médio por 570. Isto para os homens, pois as mulheres recebem de 524 a 540 diários!

— Mas, como é que se pode viver assim?

— Não sei. Francamente, não sei. Devo dizer-lhe, porém, que muitos dos mineiros, tanto homens como mulheres, trabalhavam por tarefas. E estes sempre tiravam mais uns lucros diárias. Pois o decreto, que deve ser publicado no *Diário do Governo*, talvez já na próxima terça feira, mantém as tarifas nas mesmas condições em que até aqui se faziam, sem que a Empresa tenha o direito de baixar as tabelas; e estabelece o salário mínimo de um escudo para os homens e cincuenta centavos para as mulheres. E' claro que, uns e outros, ficam com o direito de optarem pelo regime que mais lhes convier. Quem preferir o salário será pago pela tabela que o decreto estabelece.

— O excedente dos lucros reverte exclusivamente a favor dos operários

— Disse-nos há pouco que o Estado fixava em 10% o lucro máximo da Empresa. E se os lucros excederem esta percentagem?

— Nesse caso o remanescente reverte exclusivamente em benefício dos mineiros. E' espero que, de facto, os lucros continuem excedendo e bastante os 10% fixados no decreto. Esse remanescente ficará constituindo o patrimônio comum de todo o pessoal das minas e será administrado por uma Comissão Executiva assistida de um Conselho de Administração.

— E dessas instituições farão parte também os operários?

— Evidentemente. Pois se é o seu patrimônio... Tanto numa como noutra dessas comissões haverá representantes da Empresa e dos trabalhadores em número igual. E qualquer delas será presidida por um delegado do governo. Mas fica bem expresso, no decreto, o princípio de que este fundo só poderá ser empregado em benefício do pessoal.

Para começar, a Empresa fornecerá

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Depõe um soldado

Acabam de mostrar-nos uma carta que um operário, actualmente incorporado num dos regimentos que se encontram no Porto, vem de enviar à sua companheira, que vive com os filhos em Lisboa. Nessa carta, por muitos títulos interessante, descreve o operário-soldado a forma como uma considerável parte dos sargentos e oficiais superiores do referido regimento tratam os soldados, sendo tais as expressões de que usam para com estes que de admirar é que há quem passivamente as suporte. Depois de dizer que o rancho é intragável, bem assim o pão, geralmente coberto de bolor, acrescenta que homens há no regimento que, por carência de roupa, não trazem ceroulas, andando outros sem camisa. «A noite passada — conta ele — sai para a rua, às 2 horas, em serviço de polícia, às portas das padarias. A miséria é tanta que mulheres solteiras e casadas tem vendido o corpo em troca dum pão ou dum lata de rancho».

Vivemos positivamente num Edorado!

### O pão

Segundo nos informam, houve ontem falta de pão de segunda qualidade, devendo acentuar-se hoje essa falta, alegando-se, para justificar mais essa manifestação do insaciável apetite da Moagem, a escassez da farinha que se emprega nesse tipo de pão.

O que previnhos nestas colunas está-se realizando. E não seremos maus profetas se aventarmos que o pão de segunda desaparecerá por completo, ou, então, ficará de tal qualidade que ninguém o poderá tragar. O povo, sempre sacrificado, alvo constante das manobras dos moageiros, terá de sofrer mais esta especulação, sem que apareça alguém que meta esses senhores, que são um Estado dentro do Estado, na ordem.

### Crianças que morrem de fome

O *Diário de Notícias*, numa correspondência de Braga, publicava ontem o seguinte:

«Morreram de fome três menores, filhos do jornaleiro João Costa, residente em Santa Tecla.

O laconismo desta notícia, para quem está habituado a ver colunas de prosa pormenorizando factos sem importância, só por si horroso.

Três inocentes crianças, filhas dum trabalhador rural, que tem dedicado toda a sua vida a produzir para os outros, morrer à mingua de alimento.

A fome assaltava a casa dos trabalhadores desde há muito, lançando os seus braços da tuberculose, mas agora já os mata inopinadamente.

E pensarmos nós que enquanto em Santa Tecla morrem três crianças de fome, há quem alimente caes com saborosos e caros bolas!

### Ligas...

Alguns funcionários públicos, espremidos na benéfica acção do decreto, ultimamente promulgado pelo governo sobre a forma de, no futuro, serem preenchidos os lugares de directores gerais e chefes das repartições do Estado, resolvem constituir-se em grupo e formar uma ligação republicana dos empregados do Estado e administrativos.

Não sabemos se o número de directores e chefes, possivelmente a virgem a ser separados, será igual ao dos iniciadores da ligas; mas, seja como for, afiguem-se-nos que preocupações de outra natureza deveriam ser as daqueles funcionários.

Compreende-se que os empregados do Estado constituem uma associação de classe, conforme anunciam há tempos, com o fim de defendem os seus interesses económicos e profissionais, criando o espírito de classe, que no seu seio não existe, o que muito os tem prejudicado.

Em quanto a ligas, elas só são bôas para as pernas de quem, não sabendo andar sem elas, quer subir...

### A boa pescada

Antigamente, naqueles saudosos tempos de antes da guerra, não raro era ver-se, sobre a modesta mesa do operário, uma saborosa postinha de pesca, com uns grilos à volta, quatro batatas alviceertas e um fiosito de azeite muito loiro e muito apetitoso. Mas veio a guerra e adens pescada, adeus batatas, adeus azeite e adeus grilos. Agora, vemos passá-las, as rochinchudas pescadas, nas canastras das ovarinas e fícam-nos a scismar no figurão que aquilo faria, à noite, fumegante, sobre a mesa da nossa ceia.

Certamente para não nos fazer nascer água na boca, resolveu a Empresa da Água Sáuis-Vidago transportar o peixe, destinado à venda, dentro da sua carreta de distribuição, ao abrigo dos cípidos olhares de nós todos. Boa ideia, sim senhores. E como aquilo agora se vai destinar à venda de peixe fresco, bom seria que diante dos marchais franceses que, à porta da carroça, bebem a sua pinga, com olho frascário, colassem uma mesita com quatro postinhos de pescada fritas, a laia de reclame...

## POR TERRAS DA BEIRA...

### Das conferências e démarches a que

ocasião de assistir nesses quatro dias que passei no norte, ficou-me a impressão, muito acentuada, de que tanto os operários como os industriais, na sua grande maioria, não conhecem as condições de vida da indústria textil. Os industriais, muitos deles, não só: são

meros donos de fábricas. Alguns nem

fábricas possuem; fabricam nas fábricas de outros...

Quanto aos operários, pela sua deficiência organizativa, pela

carência de estudo profissional,

pela ardência de espírito combativo que

parece, do resto, ter atingido em iden-

tificação grau esta classe por todo o país,

não se apresentam, também, por forma

a indicar caminho para a solução da

crise, limitando-se a afirmar que é ne-

cessário restabelecer a laboração fabril.

Publiquei aqui, há poucos dias, aquelle

documento dos operários sem trabalho,

da Covilhã, que, só por si, e melhor do

que tudo o que eu escrevesse, elucida

os leitores sobre o estado económico e

moral do proletariado daquele centro

industrial. Vou agora contar, ligeira-

mente, o que se passou em Gouveia.

Quando chegámos a Gouveia, foi o

ministro do trabalho recebido na câmara

municipal. Muita gente, funcionários

públicos, industriais, operários, etc., e

discursos...

Entre os oradores, lembrando

me de ter ouvido um meti colega, cujo

nome não tenho de memória, que se

disse republicano evolucionista e director

de um periódico da localidade. Saídu o

ministro; e, muito palavroso como é,

perdeu-se em numerosas considerações

dizendo, entre outras coisas, que o op-

erário daquela terra, de quem ele é

um amigo, — muitos amigos tem os

operários — tem sido sempre correcto,

ordeiro, resignado mesmo. Não se tem

lançado em greves, não obstante que os

portugueses e empresários de pacotilha

improvistos armem balaço com panto-

mimos à porta dos edifícios que, até ago-

ra, ostentam o pomposo nome de tea-

tos, mas que, afinal, não passam de

prostitutos.

Ganha-se dinheiro, e dizem mesmo,

muito dinheiro, sugado às economias do

povo, com toda essa vasa do esterquil-

ho que se mascara com o sagrado nome

de arte. Os burgueses não aceitam nem

protegem facilmente senão berundas,

falsos e posticos sentimentos de gene-

rosidade e de filantropia de que se jul-

gam com o exclusivo.

Ter-se-hão, porventura, nestes últi-

mos vinte anos, selecionado uns dezenas

de peças portuguesas postas em

scena nesses teatros dirigidos por bur-

gueses, nas quais perpassassem as vir-

tuades, defeitos e posticos sentimentos de gene-

rosidade e de filantropia de que se jul-

gam com o exclusivo.

Pelos modos, ninguém ou quase nin-

guém escapa do trujo, cujos tentáculos,

apesar das declarações do sr. Augusto

Gomes, do Apolo, do sr. Vasconcelos, do

Eden (futuramente do S. Luís) e do sr.

Carlos Santos, do Avenida, continuaram

a distender-se, agora mais do que nun-

ca, encobertamente, para complicar a

vida,



# A BATALHA

Câmara Municipal de Lisboa

Mercado 24 de Julho

A Associação da Classe dos Agricultores e dos Pecuaristas do distrito de Lisboa, em representação que foi lida em sessão da comissão administrativa, instou pela construção de uma cobertura no Mercado Agrícola 24 de Julho, na parte que confronta com o edifício da Assistência.

Os srs. António Maria de Oliveira e Afonso de Macedo mostraram quanto o pedido era justo, resolvendo-se que a repartição respectiva com urgência elaborasse o orçamento competente, sem que a obra não poderia ser votada.

## A crise operária

O secretário geral do ministério do trabalho, em nome do respectivo ministro, comunicou a comissão administrativa, de harmonia com o que com ela verbalmente havia acordado, que nas obras a cargo do município podiam ser admitidos até 500 operários, mas somente aqueles que fossem munidos com guias passadas por aquele ministério (gabinete do ministro), incluindo-se naquele número alguns pedreiros e canteiros.

Perto da Rússia revolucionada, chega até si os mais confusos boatos duma revolução que alastrava por toda a Europa, o meu *saudade* deseja certificar-se, de fonte segura, da veracidade das estrondosas notícias que de incidentes chegam até lá.

Nos confins do ocidente europeu, algum há, certamente, que pensa como é: internacionalistas que não deixam de se esforçar por abolir as fronteiras criadas pela ambição dos homens; pacifistas que, terminada a conflagração europeia, mostrariam ao povo as matérias das guerras e quanto elas têm de horrível, de desumanos e de selvagens; comunistas que combatendo o estado burguês já decadente, pensam na organização dumha sociedade harmónica, onde todos vivam e todos trabalhem, onde todos se compreendam, amem e respeitem.

Sim. Lá, a milhares de léguas, individuos há que, não obstante a diversidade de costumes, pensam na mesma forma e tem as mesmas aspirações.

Dé nata valem as fronteiras, de nada vale a diferença de raças, de nada vale a diversidade de costumes.

E nem mesmo a língua, tam diferente, tam difícil, dos povos de além-Rússia, impede já que informações seguras venham confirmar ou desmentir as mais contraditórias notícias sobre o desenvolvimento das ideias libertadoras na Europa revolucionária.

O Esperanto destrói todas as barreiras. O Esperanto não é só uma língua que todo a gente, de todo o mundo, aprendealguns meses. O Esperanto não é só um idioma cuja gramática de 16 regras, sem exceções, se aprende em poucas semanas. O Esperanto não é apenas uma língua artificial, perfeita, racional, fáci e completa. O Esperanto é uma das fortes colunas sobre que deve assentar a sociedade de amanhã.

O Esperanto é o inicio da internacionalização, é a alavanca que há de desatravar as barreiras artificiais que dividem os povos; é a força poderosa que há de unir terminando as carnificinas que, ensanguentando a Terra, tem posto de luto tantas vezes a Humanidade inteira.

Gracias ao Esperanto, posso eu contar já no Japão com um camarada e um amigo, porque nada há que mais una os homens que as afinidades de ideias e de pensamentos.

Nenhuma aliança há maior do que a aliança da língua entre indivíduos de raca diversa e separados por milhares e milhares de quilómetros.

O Esperanto interessa a toda a gente. Os trabalhadores tem o dever de o aprender, e, se algum trabalho isso lhes dê, ele será compensado vantajosamente pelo prazer de comunicar com todo o mundo, porque em todo o mundo se fala Esperanto.

E que satisfação para um estudioso conhecer os costumes dos povos distantes, a sua organização e até o seu desenvolvimento social! Que prazer receber de toda a parte vidas e paisagens de cidades, campos, serras, rios!

Agora tenho eu sobre a minha mesa o palácio imperial de Tokio, a arca Jenkins Building, uma queda de águas do Niágara, uma ilha de pedra da Sibéria, além de inúmeros panoramas de Paris, Perigueux, Roma, Madrid, New York, etc.; o North Market Street, de Urbana, uma bela vista do Sena.

E porque não aprenderão os operários Esperanto?

Falta de tempo, de dinheiro, de disposição, de meio?

Em Portugal há já bastantes escolas esperantistas. Nomeadamente em Lisboa, há agora uma meia dúzia de grupos e sociedades que, gratuitamente, se oferecem para ministrar aos trabalhadores elementares conhecimentos da excelente língua de Luis Lázaro Zamenhof.

E' um crime que a consciência não deve perdoar abandonarmos, propostamente, uma causa de tanto interesse para nós que somos por princípios pacifistas e internacionalistas.

## Malnuitano.

O sr. Costa Júnior diz estar de acordo com as considerações expendidas pelo dr. Hermano de Medeiros e não deixaria de procurar adoptar medidas atinentes a modificar o actual estado dos pavimentos; devia, porém, observar que de facto o serviço de limpeza dependia em parte da forma como se encontravam os pavimentos das ruas. As vassouras ou tiravam o lixo das covas para o colarem sobre as pedras da calçada ou destas se arrancavam para dentro das covas.

Fogava imenso em que à testa do pelourinho das ruas se encontrasse o seu colega dr. Costa Júnior, para o qual chamava a sua atenção para os pavimentos das vias públicas, pois tinha a certeza de que ele, a bem da higiene e da estética da cidade, envidará todos os seus esforços no sentido de Lisboa não dar impressão de Marrocos.

O dr. sr. Costa Júnior diz estar de acordo com as considerações expendidas pelo dr. Hermano de Medeiros e não deixaria de procurar adoptar medidas atinentes a modificar o actual estado dos pavimentos; devia, porém, observar que de facto o serviço de limpeza dependia em parte da forma como se encontravam os pavimentos das ruas. As vassouras ou tiravam o lixo das covas para o colarem sobre as pedras da calçada ou destas se arrancavam para dentro das covas.

Fogava imenso em que à testa do pelourinho das ruas se encontrasse o seu colega dr. Costa Júnior, para o qual chamava a sua atenção para os pavimentos das vias públicas, pois tinha a certeza de que ele, a bem da higiene e da estética da cidade, envidará todos os seus esforços no sentido de Lisboa não dar impressão de Marrocos.

O dr. sr. Costa Júnior diz estar de acordo com as considerações expendidas pelo dr. Hermano de Medeiros e não deixaria de procurar adoptar medidas atinentes a modificar o actual estado dos pavimentos; devia, porém, observar que de facto o serviço de limpeza dependia em parte da forma como se encontravam os pavimentos das ruas. As vassouras ou tiravam o lixo das covas para o colarem sobre as pedras da calçada ou destas se arrancavam para dentro das covas.

Depois de ficar de se entenderem sobre o assunto os vogais dos três respectivos pelourinhos, o dr. sr. Hermano de Medeiros, previs, sendo aprovado, que se adquirissem em praça 20 muarcas para o serviço de limpeza e regas e 2 para o serviço dos jardins.

**Secretário da presidência**

Foi aprovada uma proposta da presidência escolhendo para seu secretário particular o 1º oficial chefe António Esteves Rodrigues da Silva, e outra para que o 2º oficial Virginio da Cunha, que desempenhava as funções de presidente da Comissão Administrativa anterior, passasse a prestar serviço na secretaria da câmara.

**24.ª esquadra de polícia**

Já reassumiu o comando da 24.ª esquadra, instalada no edifício da Câmara Municipal, o chefe Aleixo, que se encontrava fazendo serviço no governo civil, na organização do novo corpo de polícia cívica.

**DOENTES**

Tentem a massagem e aproveitem as suas vantagens. Pósto Fisiopata, rua da Palma, 55, das 4 a 7.

## COLUNA ESPERANTISTA

### O QUE É O ESPERANTO

: A sua importância : para os trabalhadores

« Mi deziras korespondadi kun vi. Varne mi petas vin akcepti mian propom. Mi havus multe da pluzo kia respondidi kun vi pri tutmonda sociala movado. »

E dum esperantista do Japão este postal. Um japonês que, desejando acompanhar de perto a convulsão que o mundo inteiro sofre, neste momento, estudou e aprendeu em poucas semanas o Esperanto e, por meio dele, se dirige perguntando-me se eu aceito trocar com ele impressões sobre o movimento social.

Perto da Rússia revolucionada, chega até si os mais confusos boatos duma revolução que alastrava por toda a Europa, o meu *saudade* deseja certificar-se, de fonte segura, da veracidade das estrondosas notícias que de incidentes chegam até lá.

Nos confins do ocidente europeu, algum há, certamente, que pensa como é: internacionalistas que não deixam de se esforçar por abolir as fronteiras criadas pela ambição dos homens; pacifistas que, terminada a conflagração europeia, mostrariam ao povo as matérias das guerras e quanto elas têm de horrível, de desumanos e de selvagens; comunistas que combatendo o estado burguês já decadente, pensam na organização dumha sociedade harmónica, onde todos vivam e todos trabalhem, onde todos se compreendam, amem e respeitem.

Sim. Lá, a milhares de léguas, individuos há que, não obstante a diversidade de costumes, pensam na mesma forma e tem as mesmas aspirações.

Dé nata valem as fronteiras, de nada vale a diferença de raças, de nada vale a diversidade de costumes.

E nem mesmo a língua, tam diferente, tam difícil, dos povos de além-Rússia, impede já que informações seguras venham confirmar ou desmentir as mais contraditórias notícias sobre o desenvolvimento das ideias libertadoras na Europa revolucionária.

O Esperanto destrói todas as barreiras. O Esperanto não é só uma língua que todo a gente, de todo o mundo, aprendealguns meses. O Esperanto não é só um idioma cuja gramática de 16 regras, sem exceções, se aprende em poucas semanas. O Esperanto não é apenas uma língua artificial, perfeita, racional, fáci e completa. O Esperanto é uma das fortes colunas sobre que deve assentar a sociedade de amanhã.

O Esperanto é o inicio da internacionalização, é a alavanca que há de desatravar as barreiras artificiais que dividem os povos; é a força poderosa que há de unir terminando as carnificinas que, ensanguentando a Terra, tem posto de luto tantas vezes a Humanidade inteira.

Gracias ao Esperanto, posso eu contar já no Japão com um camarada e um amigo, porque nada há que mais una os homens que as afinidades de ideias e de pensamentos.

Nenhuma aliança há maior do que a aliança da língua entre indivíduos de raca diversa e separados por milhares e milhares de quilómetros.

O Esperanto interessa a toda a gente. Os trabalhadores tem o dever de o aprender, e, se algum trabalho isso lhes dê, ele será compensado vantajosamente pelo prazer de comunicar com todo o mundo, porque em todo o mundo se fala Esperanto.

E que satisfação para um estudioso conhecer os costumes dos povos distantes, a sua organização e até o seu desenvolvimento social! Que prazer receber de toda a parte vidas e paisagens de cidades, campos, serras, rios!

Agora tenho eu sobre a minha mesa o palácio imperial de Tokio, a arca Jenkins Building, uma queda de águas do Niágara, uma ilha de pedra da Sibéria, além de inúmeros panoramas de Paris, Perigueux, Roma, Madrid, New York, etc.; o North Market Street, de Urbana, uma bela vista do Sena.

E porque não aprenderão os operários Esperanto?

Falta de tempo, de dinheiro, de disposição, de meio?

Em Portugal há já bastantes escolas esperantistas. Nomeadamente em Lisboa, há agora uma meia dúzia de grupos e sociedades que, gratuitamente, se oferecem para ministrar aos trabalhadores elementares conhecimentos da excelente língua de Luis Lázaro Zamenhof.

E' um crime que a consciência não deve perdoar abandonarmos, propostamente, uma causa de tanto interesse para nós que somos por princípios pacifistas e internacionalistas.

O dr. sr. Costa Júnior diz estar de acordo com as considerações expendidas pelo dr. Hermano de Medeiros e não deixaria de procurar adoptar medidas atinentes a modificar o actual estado dos pavimentos; devia, porém, observar que de facto o serviço de limpeza dependia em parte da forma como se encontravam os pavimentos das ruas. As vassouras ou tiravam o lixo das covas para o colarem sobre as pedras da calçada ou destas se arrancavam para dentro das covas.

Depois de ficar de se entenderem sobre o assunto os vogais dos três respectivos pelourinhos, o dr. sr. Hermano de Medeiros, previs, sendo aprovado, que se adquirissem em praça 20 muarcas para o serviço de limpeza e regas e 2 para o serviço dos jardins.

**Secretário da presidência**

Foi aprovada uma proposta da presidência escolhendo para seu secretário particular o 1º oficial chefe António Esteves Rodrigues da Silva, e outra para que o 2º oficial Virginio da Cunha, que desempenhava as funções de presidente da Comissão Administrativa anterior, passasse a prestar serviço na secretaria da câmara.

**24.ª esquadra de polícia**

Já reassumiu o comando da 24.ª esquadra, instalada no edifício da Câmara Municipal, o chefe Aleixo, que se encontrava fazendo serviço no governo civil, na organização do novo corpo de polícia cívica.

**DOENTES**

Tentem a massagem e aproveitem as suas vantagens. Pósto Fisiopata, rua da Palma, 55, das 4 a 7.

## OLYMPIA

Desde as 2 da tarde Matinée e Soirée  
O CONDE DE MONTE CRISTO

6. e 7.ª épocas — Eva Vingatva, 4º p.  
Em Strasbourg — Debajo da Mauleira — Jornal n.º 40

Estreia da última época do Conde de Monte Cristo  
O CASTIGO, 3 actos (FIM)

Amanhã

A seguir

TOSCA

Exit

## NO MUNDO OFICIAL

Benefício a favor das escolas que mantêm a Construção Civil

## GUERRA

A Federação da Construção Civil para domingo, 29, promove, pelas 20 horas, um espectáculo a favor da instalação, na sua sede, dumha escola de instrução primária e aulas de desenho e montagem eléctrica. O programa é constituído pela peça em verso, de Bento Faria, *Missa Nova* e *O escravo branco*, peça em um acto de Manuel José.

Haverá uma parte desportiva desempenhada por excelentes amadores e campeões sociais, por amadores, sendo o espetáculo abrillantado por uma banda de música.

Os poucos bilhetes que restam estão à venda na sede da Federação e na redacção de *A Batalha* ao preço de: camarotes grandes, 5 entradas, 3500; camarotes pequenos, 3 entradas, 2500; fauteuils, 500; cadeiras, 40; geral, 520; ficando o salão feito a cargo do público.

## MARINHA

Foi nomeada uma comissão incumbida de proceder aos estudos dos projectos de leis necessárias para a organização do fôro quanto ao direito marítimo, partem para Inglaterra os delegados da Marinha, com a missão de diligenciar as respectivas pretensões, informando o número, nome e unidade da embarcação passada pela autoridade administrativa que fez o decreto.

Por iniciativa da Comissão de Instrução e Educação da Associação dos Caixeiros, vai-se constituir este grupo de canto coral, que terá a dirigir-o o sr. Júlio Graça, ex-regente do Orfeão da União dos Empregados no Comércio de Portugal.

O novo grupo artístico prestará o seu concerto não só a festas da classe, em Lisboa e fora, como também a festas civicas e de caridade, e será constituído por executantes de ambos os sexos.

A inscrição, absolutamente grátis, é realizada pelos associados, a 20 mensais e para senhoras, sócia ou não, a inscrição é também grátis.

**ERVA**

Vende-se toda a existente na Quinta de Marinhos, Bemfica. Recebam-se propostas em carta fechada, das 10 às 15 horas, até 22 do corrente mês, na Secretaria da Escola Normal Primária de Lisboa (Bemfica) onde se dão informações.

## COOPERATIVISMO E MUTUALISMO

Cooperativa Operária a Comuna — Pelo seu presidente, dr. Amorim de Carvalho, esteve ontem com o ministro do comércio, tratando de assuntos de interesse para Lamego, tendo sido também avisado com os ministros da justiça e da agricultura.

O antigo deputado, sr. Amorim de Carvalho, esteve ontem com o ministro do comércio, tratando de assuntos de interesse para Lamego, tendo sido avisado com os ministros da justiça e da agricultura.

Os amigos do sr. José da Costa, Pedro Bento, dr. António José da Costa, Lino Martins Reisbeij, e dr. Ramos de Paiva, estiveram ontem com o engenheiro Cordeiro de Souza, director geral das obras públicas, tratando do prolongamento da estrada ligando Guarda com Montelheiros, em direcção aos Barros Vermelhos, com o coração da Serra da Estrela.

**FINANÇAS**

Os funcionários do Estado reuniram ontem em grande número no Terreiro do Paço para pedirem ao chefe do governo o pagamento da indemnização de guerra, a exemplo do que se fez nos países aliados. O ministro das finanças, que se encontra no gabinete do sr. José Roviras, disse à comissão delegada dos funcionários que o tesouro não poderia fazer face a tal pagamento e que, a seguir, só se poderia fazer com prejuízo do contribuinte, a quem teria de ser arrancado, por isso que a Alemanha não cobria todos os prejuízos produzidos pela guerra. No entanto fez a sua defesa o assunto a fim de ver o que seria possível fazer.

**ABASTECIMENTOS**

Vários celeiros municipais do norte vão protestar perante o ministro dos abastec

CONTOS DE «A BATALHA»

# A Justiça

Em Dorcitat pôde convencer-se bem o pequeno Leão de que o seu amigo não tinha exagerado quando lhe falava da república. Bastou para ele assistir uma só vez à audiência do tribunal, aonde o convidou Estanislau, porque essas audiências eram públicas, e muitos desempregados, que não podiam pagar um lugar no teatro, assistiam ali e faziam de conta que vendo julgar tinham comédia em forma.

Era a primeira vez que o pequeno entrava numa sala de audiências, e depois de ter franqueado a porta, guardada por assassinos de profissão, porque desgraçadamente ainda se encontram por toda a parte, viu-se numa sala bastante espacosa, cheia de curiosos. A um lado, sentado num banco, dois guardas armados, estava um operário de miserável aspecto. Ao fundo, detrás duma espécie de mostrador, estavam três homens sentados, vestidos com negras togas; o do centro tinha a barba branca e no peito ostentava uma faixa roxa; os outros tinham patilhas negras.

— Quem são aqueles? — São padres, ou mulheres barbudas? — perguntou Leão.

— Não, respondem Estanislau. São juízes; homens como os assassinios profissionais, os verdugos,

que o sexo masculino tem o honroso privilégio de mandar. Vem quase como os padres, com os quais se parecem pelos seus trajes e suas funções, com a diferença de que os padres condenam ou absolvem para uma vida futura, em nome de um deus imaginário; porém, os juízes condenam na vida presente, em nome de um livro estúpido e bárbaro chamado Código.

— Quem escreveu esse livro?

— Quem? Conquistadores, imperadores, reis, amos, governantes pelo direito do mais forte ou pela astúcia. Dircis, malfeitos públicos

Eles é que o escreveram ou fizeram escrever pelos seus servidores. Mas escuta.

O presidente, direis, o homem sentado ao centro, mandou, com uma voz grave, o operário que estava sentado entre os guardas, que se levantasse, perguntando-lhe o seu nome, idade, estado, profissão e morada. Quando o interrogado tinha respondido com voz abafada, o juiz acrescentou:

— Você é acusado de estar a dormir sobre um banco na rua do Povo Soberano, devendo saber que a vadiagem está proibida. Que tem a alegar em sua defesa?

— Sinceramente que não tenho casa. O meu senhor despediu-me, e vi-me obrigado a dormir na rua.

— E porque é que o senhor despediu-e o pôs na rua?

— Porque não podia pagar-lhe.

— Porque é que não podia pagar-lhe?

— Porque não tinha trabalho.

— Demais, acuso-o de ter injuriado o agente que o prendeu.

— Dirá antes se eu podia ficar contente de me arrancarem a sono, minha única consolação, e levado para a prisão como um malfeitor, depois de ter trabalhado honradamente toda a minha vida.

— O tribunal apreciará.

O presidente inclina-se para os outros juízes seus acessórios; consulta com eles um instante, e diz:

— Seis dias de prisão... Ou-

tro! — Afêsta, murmurou Estanislau, ao ouvido de Leão, uma coisa que fará germinar no coração desse pobre operário um pouco de ódio contra este regime social.

— O segundo processado, que entrou por uma porta lateral para sentar-se também entre os guardas, e era acusado de fazer-se servir uma comida num restaurante e de ter dito em seguida ao dono: — Agora mande-me você prender, se quiser, porque não tenho um centavo para pagar.

— Porque fez você isso? — pergunta o juiz.

— Porque tinha necessidade de comer, como a tem todo o homem e considerei que era preferível isto a atacar o primeiro que me aparecesse ao voltar uma esquina pedindo-lhe a bolsa ou a vida.

— Quatro dias de prisão e seis escudos de multa, sentencio o presidente.

Tocou em seguida o turno a outro processado de gênero diferente; era um homem bem vestido, sentado, não entre os guardas, mas sim nas primeiras filas dos assistentes quem declarou o seu

nome, Victor Mast, e a sua qualidade, mestre de obras.

— Senhor, disse-lhe o juiz, empregando pela primeira vez este qualificativo; acusam-no de ter partido uma bengala nas costelas de um operário que reclamava a sua férias. Citeu-se-lhe a sua petição.

— Senhor juiz, respondeu o acusado; esse operário é um malandro que queria roubar-me e ameaçou-me com a justiça.

— Para mais o meu advogado explicará o assunto melhor do que eu posso fazê-lo.

E aquelle patrão, que se não era muito eloquente era astuto e tinha dinheiro de sobra para poder pagar a um advogado hábil, sentou-se, deixando ao seu defensor explicar o assunto à sua maneira, que declarou que Victor Mast, vendo o seu operário fazer ameaças de bater-lhe, se considerou no caso de legítima defesa. O tribunal, na sua alta sabedoria apreciará os factos e não excitará decerto a rebeldia dos operários contra os patrões.

Os juízes acolheram aquele discurso por sinais apenas perceptíveis de aprovação. O público mostrou-se também satisfeito, pelo que o réu foi absolvido e o operário condenado nas custas do processo.

— Isto, disse Estanislau ao seu amigo, de modo que o pudessem ouvir os que estavam próximos, é um ensino para esse operário para fazer justiça por si mesmo, em vez de implorá-la aos magistrados.

— Não tens visto e ouvido bastante?

— Oh, sim; vamo-nos! Creio

que me punha mau se permanecessemos mais tempo nesta casa abominável. Este é o Palácio da Injustiça e não da Justiça.

Sairam daquela casa do crime, onde uns homens, vestidos dum maneira particular para impôr respeito, condenam com imponente solenidade os desgraçados vítimas da sociedade, e absolvem os exploradores.

Uma vez cá fora respiraram com satisfação o ar livre.

Leão, profundamente impressionado pelo que tinha visto e ouvido, permanecia silencioso; a tristeza reflectia-se em seu rosto.

— Em que pensas? preguntou-lhe o companheiro.

— No que chamam justiça, respondeu o pequeno. — O que é a justiça? — Existe?

Estanislau permaneceu um instante silencioso, procurava as palavras mais apropriadas para fazer compreender o seu pensamento àquele pequeno de nove anos.

A justiça não é uma espécie de divindade reparadora ou vingadora do mal, como a imaginam todos os governantes e os capitalistas, tudo ficará reduzido a pô-los fora do estado de não causar dano. E em lugar de matá-los ou de os martirizar, cuidar-se há deles como inválidos ou como enfermos, procurando-se a sua cura.

E aqui está o conceito que nortem da justiça. Já vez que não tem nada de comum com a dos magistrados.

— Effectivamente, respondeu Leão.

Pelo contrário, numa sociede de em que tudo seja de todos, os individuos tenham o mesmo interesse em produzir é que não poderá haver conflitos entre gente que trabalha e gente que faça trabalho em seu beneficio exclusivamente individual. Quando a propriedade individual desapareça, desaparecerão com ela uma multidão de males e de crimes. Não será melhor impedir-lhos que castigá-los?

Do mesmo modo, a eliminação da autoridade fará também desaparecer a opressão de uns, e o cobarde servilismo de outros, os ódios, as rebeldeias sangrentas, as guerras. Não haverá infalivelmente a perfeição absoluta, porque entre os seres humanos há diferenças de temperamento e de gostos, como há enfermidades que produzem desarregos mentais e da vontade que causam actos prejudiciais, mas os que as padecem serão uma infima exceção, e como não terão força para impôr-se a toda a sociedade, como o fazem actualmente os governantes e os capitalistas, tudo ficará reduzido a pô-los fora do estado de não causar dano. E em lugar de matá-los ou de os martirizar, cuidar-se há deles como inválidos ou como enfermos, procurando-se a sua cura.

E aqui está o conceito que nortem da justiça. Já vez que não tem nada de comum com a dos magistrados.

— Effectivamente, respondeu Leão.

Trad. M. de A.

Carlos Matos

deve ser reclamada aos vendedores, nas tabacarias e quiosques.

# A BATALHA

MARTE

COMPANHIA DE RESEGUROS  
Sede - Rua Ivens, 56  
LISBOA  
Telefone 910 C.

Serralharia Artística  
DE  
Vicente Joaquim Esteves

TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo

RUA DAS AMOREIRAS, 92 — LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

GRANDE LIQUIDAÇÃO

Por motivo de obras, Liquidação de todos os artigos existentes nos estabelecimentos do L. do Calvário, 15, 17, 18, 19, 20, 20-A e 20-B

Fazendas de lã para homem e senhora, sobretudos, casacos de senhora, fatinhos de criança, camisas para homem e senhora, meias, peúgas, lenços, gravatas, colarinhos, suspensórios, panos brancos pãntons de todas as qualidades, panos para lençóis de todas as larguras.

Toalhas de resto e mesa, colchas, cobertores, riscados, flanelas, chitas, cotins, oxford, zefires, cassas, camisolas de lã e algodão, para senhora e homem.

Descontos aos revendedores

TUDO MAIS BARATO

16, 17 e 18, Largo do Calvário, 20, 20-A e 20-B

A SIFILIS

ERVANARIO da província cura radicalmente a sifilis e todas as doenças que derivem da impureza do sangue. Centenas de pessoas se têm curado com as herbas que receita. Paço, 600 réis. D. à Estrela. Curam-se todas as doenças.

GRANDE NOVIDADE

Quereis comprar drogas, tintas e produtos químicos mais baratos? Ide á Drogaria Triunfo de Acacio F. Jorge, L. da, na Rua de S. João da Praça, 47 e 49

LIVROS NOVOS E USADOS

Compram-se e vendem-se todas as obras de sociologia, arte e literatura, no Mercado Literário de José da Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

Cimento TEJO,

empregado há 25 anos nas obras mais importantes do País, sempre com os melhores resultados em cimento armado, como em docas e muitos outros trabalhos de maior importância.

Os seus preços são sempre inferiores em 30% nos cimentos estrangeiros, alguns de inferior qua-

lidade.

Números atestados dos mais afamados construtores existem neste depósito e podem ser mostrados ao público para avaliar a sua excelente qualidade.

Depositorios gerais do CIMENTO TEJO,

António Moreira Rato & F. I. da

Rua 24 de Julho — 54-J

Telefone Central 233

Endereço telegráfico: RATO-FILHOS

AOS AGRICULTORES

Fertilizador Radioactivo H. B. C.

PRODUTO radioativo empregado com grande sucesso nas culturas do TRIGO-CEVADA-FAVA-CENTÉPIO-AVEIA-MILHO-VINHAS, etc., em todas as outras culturas onde produz um aumento de produção, que vai de 30% a 80%.

De incontestável ação inseticida, combatendo a ferrugem dos trigos, a podridão das batatas e inúmeras moléstias que atacam as várias culturas.

VINHA

Com o emprego de 60 gramas do Fertilizador Radioactivo H. B. C. por cêpa adulta de forma a ficar em contacto com as raízes não se obtém uma maior produção como melhoria de qualidade de fruto.

Além disto, o Fertilizador Radioactivo H. B. C., pela sua ação inseticida, defende a vinha dos fortes ataques do mildrum, "black rot", etc.

Milhares de certificados de vários vinheteiros de Portugal e Espanha atestam o grande aumento de produção do vinho e melhoria de qualidade que obtiveram das vides onde empregaram o FERTILIZADOR RADIOACTIVO. Mandamos estes certificados a quem os pedir.

Preço do Fertilizador posto em qualquer estação do caminho de ferro do país inclui-

do os sacos,

1000 quilogramas (Em sacos de aproximadamente 70 quilogramas)..... 62,800

500 quilogramas (Em sacos de aproximadamente 50 quilogramas)..... 37,820

40 quilogramas (Em sacos de 40 quilogramas)..... 3,452

20 quilogramas (Em sacos de meio hectare de terreno)..... 2,807

10 quilogramas (Em sacos de uma hectare de terreno)..... 1,538

jam 2,500 metros quadrados..... 1,538

Romete-se folhetos descrevendo o FERTILIZADOR RADIOACTIVO H. B. C. a quem os pedir.

Para tratar e mais informações dirigir-se a

Henry Burnay & C. a

RUA DOS FANQUEIROS — LISBOA

ALFREDO MONTINHO, Rua Elias Gartia, 166-168, PORTO

N. B. — A todo o requisitante que mandar pelo correio recomendações acompanhadas da respectiva importância em vales de correio, notas ou cheques, Lisboa, ser-lhe-á imediatamente remetida a senha com a remessa respetante à expedição da encomenda para a estação do caminho de ferro do país que indicar.

CHARRUAS as mais perfeitas

FABRICAÇÃO DE

E. DUARTE FERREIRA & FILHOS (Engenheiros)

TRAMAGAL

Modelos próprios e todos os pertences das marcas do mercado, mais gastáveis no país.

Rehlas vulgares de grande resistência.

Ditas de bicos substitutivos, privilegiadas, de cuja aplicação resulta uma considerável economia, pois cada rehla utiliza muitos bicos de muito menor custo.

Eduardo Pinto de Sousa & C. L.

74, Rua 24 de Julho, 74-E

LISBOA

Grande ocasião para os marceneiros

Por falecimento do seu dono, vende-se muito em conta uma